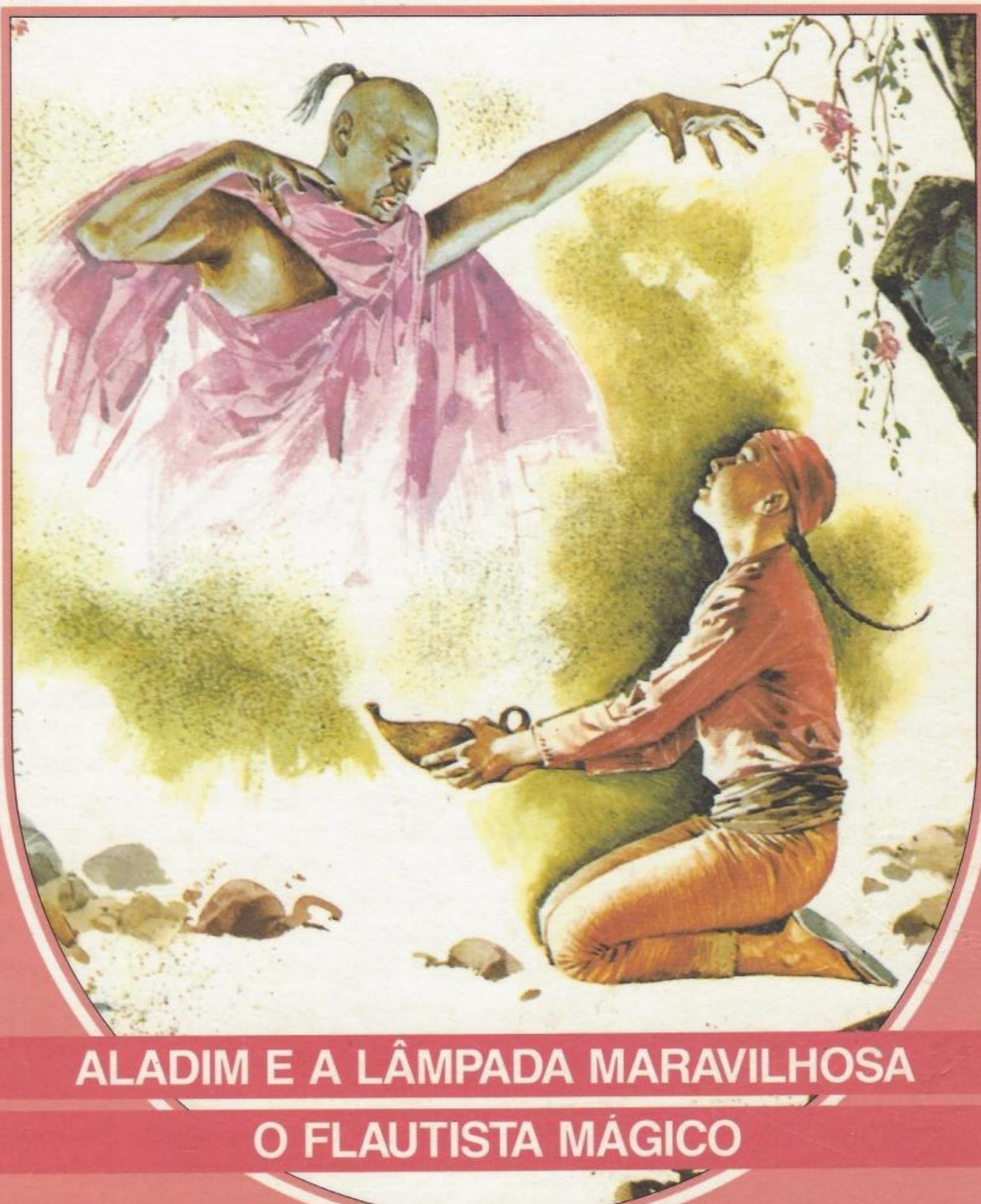
XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS



EDITORA GLOBO

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

O FLAUTISTA MÁGICO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA
pág. 1

O FLAUTISTA MÁGICO
pág. 25

Pense bem: se alguém lhe dissesse que pode realizar três de seus desejos, o que é que você pediria? Todos os brinquedos do mundo? Uma nave que leva a gente a qualquer lugar do universo? Uma casa no lugar mais bonito que existe? Ou o fim de todas as maldades do mundo? Pois foi isso que aconteceu com Aladim, um menino que viveu há muitos e muitos anos na China. Um dia ele achou uma velha lâmpada. Dentro dessa lâmpada vivia um gênio, que estava preso ali há séculos. Quando Aladim o libertou ele disse que realizaria três de seus desejos. O que será que Aladim pediu ao gênio?

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

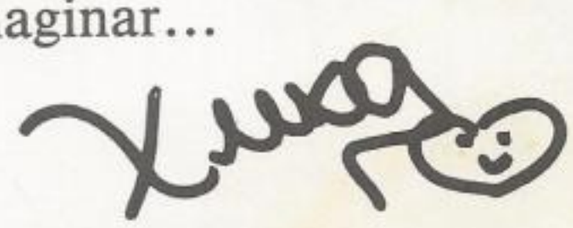
pág. 1

Pense bem: se alguém lhe dissesse que pode realizar três de seus desejos, o que é que você pediria? Todos os brinquedos do mundo? Uma nave que leva a gente a qualquer lugar do universo? Uma casa no lugar mais bonito que existe? Ou o fim de todas as maldades do mundo? Pois foi isso que aconteceu com Aladim, um menino que viveu há muitos e muitos anos na China. Um dia ele achou uma velha lâmpada. Dentro dessa lâmpada vivia um gênio, que estava preso ali há séculos. Quando Aladim o libertou ele disse que realizaria três de seus desejos. O que será que Aladim pediu ao gênio?

O FLAUTISTA MÁGICO

pág. 25

Vindo não se sabe de onde, bem magrinho, com uma roupa engraçada, vermelha e amarela, um chapéu enfeitado com uma pena e uma flauta preta na mão, ele apareceu de repente na frente do prefeito. O prefeito estava com um problema sério. Sua cidade, que se chamava Hamelin, sempre tinha sido muito feliz, quase perfeita. Mas de um dia para o outro começaram a aparecer ratos por toda parte, milhares de ratos, e ninguém sabia o que fazer. O flautista de roupa esquisita disse que ia acabar com os ratos. Como pagamento, pediu mil moedas de ouro. E fez o que prometeu: acabou com todos os ratos — menos um, que era surdo. Mas o prefeito não cumpriu o combinado. Só que a música do flautista era muito mais poderosa do que se podia imaginar...



EDITORA GLOBO

CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0911-3 (volume 4)

Aladim e a lâmpada maravilhosa

Ilustração: Enrico

Há muitos anos, vivia na China um velho tintureiro bem pobre. Seu único filho, chamado Aladim, era um menino preguiçoso demais. Passava o dia brincando na rua e, quando o pai lhe pedia para ajudar na tinturaria, respondia com maus modos:

— Não vou, não! Agora estou brincando!

Nem depois que o pai morreu o preguiçoso tomou juízo. Em vez de ajudar a mãe, passava o tempo todo na rua, brincando com a molecada.

Um dia, apareceu na cidade um homem esquisito que, pelas roupas, parecia vir de muito longe, talvez da África. Assim que viu o menino, perguntou:

— Você não é Aladim, o filho do tintureiro?

— Sou, sim — respondeu o garoto.

— Eu quero falar com seu pai — disse o homem.

Aladim fez uma cara de tristeza e explicou:

— Meu pai morreu.

— Ah, é? Eu não sabia... Coitado! — suspirou o homem. — Então diga a sua mãe que amanhã cedo eu vou até a casa de vocês. E leve esse dinheiro para ela comprar alguma coisa.

O homem enfiou a mão no bolso e deu umas moedas de ouro para Aladim. Depois, foi embora.

No dia seguinte, logo cedo, ele apareceu na casa da viúva. Nem bem entrou, desatou a chorar, desesperado.

— Esperei trinta anos para rever meu querido irmão... e agora não poderei mais abraçá-lo!

— Irmão?! — exclamou a mulher, espantadíssima.

— Sim, eu sou irmão do falecido — explicou o homem, sempre chorando.

A mulher olhou bem para ele.

— Mas o senhor é tão diferente do meu marido...

— É que eu morei muito tempo longe dele — respondeu o forasteiro.

A explicação não convencia, mas a viúva acreditou assim mesmo. Convidou a visita para entrar e serviu uma xícara de chá.

Aladim só olhava, desconfiado.

O homem tomou todo o chá e depois disse para eles:

— De hoje em diante, vocês não precisam se preocupar com mais nada. Eu vou cuidar dos dois e educar muito bem esse garoto.

O menino não gostou nada da idéia de ser educado por aquele desconhecido, mas sua mãe insistiu:

— Vai, Aladim, seu tio fará de você um homem!

Muito a contragosto, o menino teve de acompanhar o tio, que quis seguir viagem imediatamente. Os dois caminharam durante muito tempo até chegarem na entrada da floresta, bem próximo a uma grande montanha. O homem, então, ordenou:

— Vá buscar lenha e faça uma fogueira para espantar os insetos — mandou o estranho, quando caiu a noite.

— Já andei muito — respondeu o menino, emburrado.

O homem não ficou bravo, mas o encarou com firmeza.

— Escute bem o que eu vou dizer: não sou seu tio nem tio de ninguém. Sou um mago muito poderoso, e, se você não fizer o que eu mandar, vira minhoca.

Aladim não acreditou muito na história. Mas, pelo sim, pelo não, achou melhor obedecer de uma vez.

Assim que a fogueira ficou pronta, o mago se levantou e chegou perto. Então, estendeu a mão e começou a entoar uma cantoria estranha com palavras que Aladim nunca tinha ouvido em sua vida.

— O que o senhor disse? — perguntou o menino, meio assustado.

— Não me atrapalhe! — berrou o homem, que precisou começar tudo outra vez.

Sem entender nada, Aladim ficou quietinho esperando no que aquilo ia dar. De repente, o fogo sumiu e, no lugar dele, apareceu uma pedra enorme com uma alça.

Espantadíssimo, Aladim quis saber como é que o homem tinha feito aquilo.

— É segredo — respondeu ele. — Só posso dizer que, embaixo dessa pedra, existe uma caverna cheia de tesouros. Vá lá e pegue tudo o que você quiser. Para mim, traga apenas uma lâmpada que está pendurada bem no fim da escada.

Muito contente porque ia ficar rico, o menino pegou a pedra pela alça e puxou com toda a força. O homem, então, jogou um anel para ele e disse:

— Ponha no dedo este anel mágico. Ele vai ajudar você em caso de perigo.

O garoto entrou e começou a descer uma longa escada.

"Mas por que é que esse mago vai me dar tantos tesouros?", pensou o garoto.

— O senhor não vem comigo? — perguntou, muito desconfiado.

— Não posso. Só você tem licença para entrar na caverna. E isso é um grande segredo que só os magos conhecem.

Mais sossegado, Aladim acabou de descer a escada e logo avistou a lâmpada. Quando ia estender a mão para pegá-la, uma luz fortíssima, no fundo da caverna, chamou a sua atenção. Num segundo, ele correu para lá.

A luz vinha de um jardim encantado, com árvores carregadas de frutos brilhantes e coloridos. Aladim estava admirado com aquele espetáculo, embora não soubesse para que serviam aquelas frutinhas estranhas que pendiam das árvores. Mesmo assim, resolveu colher algumas.

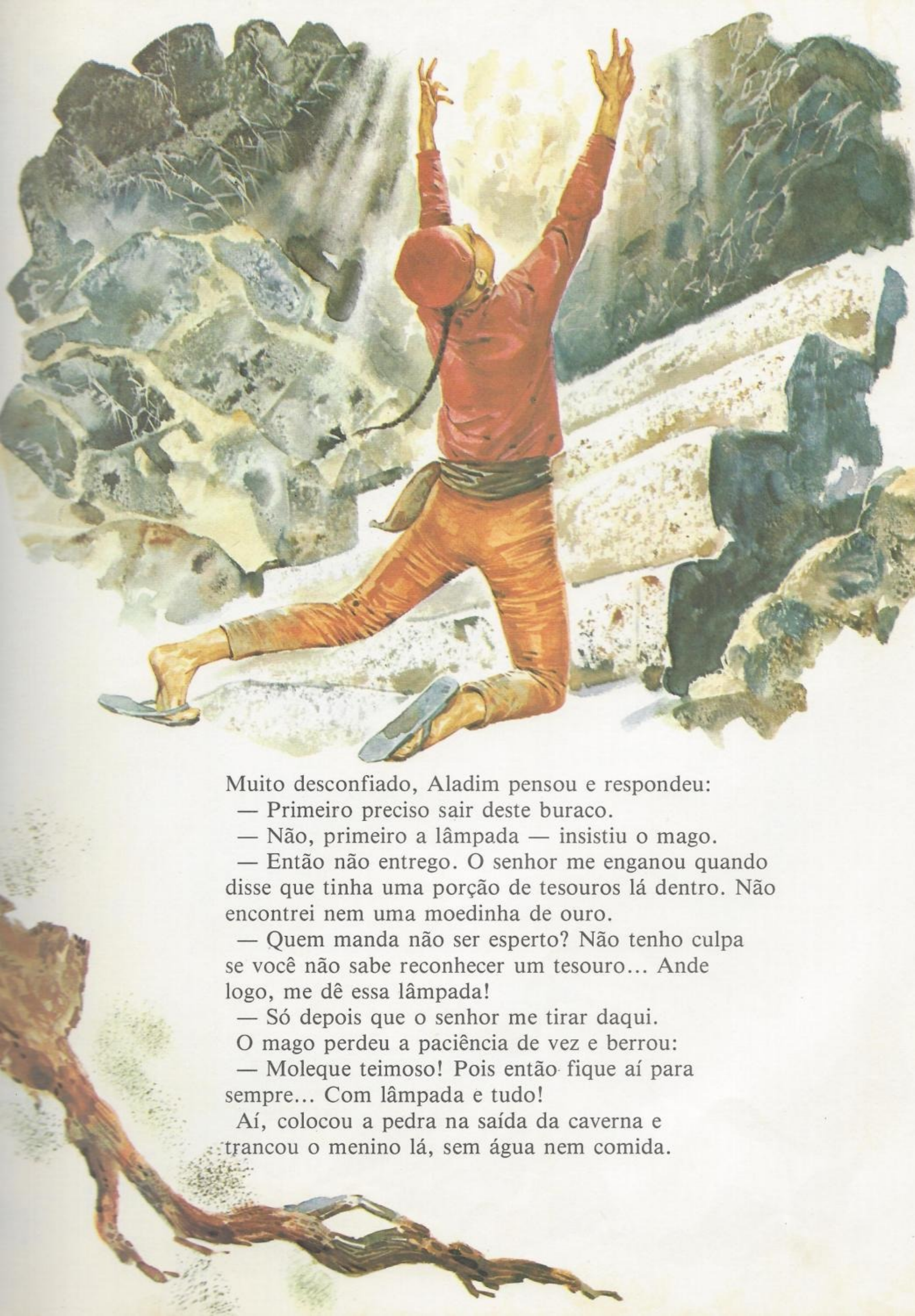
Esticou-se na ponta dos pés e pegou uma porção daquelas bolinhas coloridas. Como ele nunca tinha visto pedras preciosas e, muito menos, uma árvore encantada, não sabia que estava enchendo a roupa de diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, topázios...

Aladim sempre pensou que tesouros fossem de ouro. Assim, procurou-os por toda a parte, mas em vão.

— O mago me enganou — disse. — É melhor eu sair daqui antes que ele me apronte outra pior.

O menino voltou, pegou a lâmpada e subiu a escada. Quando chegou lá em cima, não conseguiu sair sozinho da caverna e pediu ajuda.

— Primeiro me dê a lâmpada — exigiu o mago.



Muito desconfiado, Aladim pensou e respondeu:

— Primeiro preciso sair deste buraco.

— Não, primeiro a lâmpada — insistiu o mago.

— Então não entrego. O senhor me enganou quando disse que tinha uma porção de tesouros lá dentro. Não encontrei nem uma moedinha de ouro.

— Quem manda não ser esperto? Não tenho culpa se você não sabe reconhecer um tesouro... Ande logo, me dê essa lâmpada!

— Só depois que o senhor me tirar daqui.

O mago perdeu a paciência de vez e berrou:

— Moleque teimoso! Pois então fique aí para sempre... Com lâmpada e tudo!

Aí, colocou a pedra na saída da caverna e trancou o menino lá, sem água nem comida.

Aladim começou a chorar e esfregar os olhos, de tanto desespero. Nisso, apareceu na frente dele uma criatura enorme, de voz profunda como um poço.

— O que deseja, meu amo?

— Quem é você? — perguntou o menino, muito assustado.

— Sou seu escravo — disse. — Você me chamou quando esfregou o anel, e eu estou aqui para fazer tudo o que você quiser.

— Eu só quero ir para casa!

Num piscar de olhos, Aladim estava de novo em casa. E contou para a mãe o que havia acontecido. Depois, mostrou todas as coisas que tinha trazido da caverna.

A mulher olhou bem as pedras e perguntou:

— Para que serve isso?

— Não sei — respondeu o menino. — Mas acho que é bom guardar. Eu posso inventar uma brincadeira com elas.

A viúva concordou e colocou as pedras dentro do baú.

Então, examinou a lâmpada com atenção e disse:

— Ainda está boa. Só precisa ser polida. Quem sabe a gente não ganha um dinheiro se vender isso aqui?

— Ninguém vai querer esse traste — afirmou Aladim.

— Não custa nada tentar — disse a viúva, e, na mesma hora, pegou um pano e começou a esfregar a lâmpada, para tirar as manchas de sujeira.

Foi aí que teve a maior surpresa da sua vida.

Um outro gênio, da altura de uma torre, apareceu de repente.

— Sou seu escravo, o gênio da lâmpada — disse ele. — Nada é impossível para mim. Vocês ordenam!

A viúva ficou muda, mas Aladim nem pestanejou.

— Traga bastante comida pra gente.

O gênio não gostou nada da ordem do menino.

— Para uma tarefa insignificante como essa, podiam ter chamado o escravo do anel...

— Escravo não discute! — gritou Aladim.

Contrariado, o gênio suspirou e obedeceu.

E, desde aquele dia, fez todas as vontades de Aladim. Era só o garoto esfregar a lâmpada que ele aparecia, obediente como um escravo, mais poderoso que todos os magos do mundo.

Passaram-se alguns anos e Aladim ficou moço.

Um dia, estava sentado na porta de casa, quando os guardas do imperador apareceram na rua, gritando:

— Todo mundo para dentro! Rápido! A princesa Kione vai passar e ninguém pode pôr os olhos nela.

As pessoas sumiram bem depressa. Tinham muito medo do soberano, um homem severo que mandava matar quem desobedecesse as suas ordens.

Aladim também foi para dentro, mas ficou espiando por detrás do portão. E, sem ninguém perceber, conseguiu ver a filha do imperador.

Como era linda! Suave e delicada como uma borboleta... Parecia uma boneca de porcelana, no seu vestido de seda. E tinha na cabeça uma coroa mais brilhante que o sol.

"É a moça mais bonita que eu já vi na vida", pensou. "Eu quero me casar com ela..."

No mesmo instante, Aladim procurou a mãe.

— Lembra daquelas frutas esquisitas que eu peguei na caverna, quando era menino?

A mulher pensou um pouco e respondeu:

— Lembro, sim. Estão guardadas no baú.

— Pois leve todas para o imperador. Ele pode gostar... E diga que eu quero me casar com a princesa.

— Mas, meu filho, isso é impossível! O imperador não vai deixar a princesa se casar com você. Ele vai é mandar matar a gente...

A viúva implorou para Aladim desistir daquela idéia louca. Mas tanto o moço teimou que ela acabou colocando as pedras preciosas numa cesta e foi para o palácio do imperador.

Ao ver o presente, o soberano ficou encantado.

— Isso vale uma fortuna!

— Foi o meu filho que mandou. E disse que quer se casar com a princesa.

A viúva até se encolheu, esperando o pior. Mas o imperador respondeu:

— É uma honra dar a mão da minha filha para um moço tão rico e gentil.

No mesmo dia, os criados do imperador começaram a preparar uma grande festa para o casamento. Antes da cerimônia, Aladim esfregou a lâmpada para fazer um pedido.

— O que deseja, amo? — perguntou o gênio.

— Quero um palácio — respondeu o moço. — Que seja enorme e ao lado do palácio imperial!

Acostumado com pedidos modestos, o gênio ficou espantado com o desejo de Aladim.

— Um palácio?!

— Isso mesmo. E ande depressa. Amanhã eu quero estar morando lá, bem pertinho...

O gênio olhou intrigado para o seu amo, esperando uma explicação. Mas Aladim ficou tão sério que ele tratou de cumprir a ordem, logo-logo.

Na manhã seguinte, o imperador foi dar o seu passeio pelo jardim e viu um palácio novo em folha.

— De quem será? — perguntou aos ministros.

Os criados foram se informar e voltaram dizendo:

— O palácio é do noivo da princesa, majestade.

"O moço é mais rico do que imaginei", pensou o imperador, alisando a barba, todo contente.

E, no dia do casamento da filha, ele estava ainda mais feliz que os próprios noivos. Tinha certeza de que ninguém, em toda a China, poderia dar mais conforto e felicidade para a princesa que o rico e apaixonado Aladim.

Durante muito tempo, eles viveram felizes.

Um dia, Aladim precisou fazer uma viagem para muito longe e deixou a mulher em casa, com as damas de companhia e os criados.

Ao descansar no terraço, num final de tarde, a princesa viu chegar um homem estranho.

— Tem algo para vender? — perguntou ele.

A princesa ia abrir a boca para dizer que não, mas a dama que estava com ela lembrou:

— Alteza, que tal se a senhora vendesse aquela lâmpada velha? Não serve para nada.

O homem, que na verdade era o mago disfarçado, não escondeu o contentamento ao perceber que poderia recuperar a lâmpada.

— Posso ver a peça, Alteza? — perguntou ele.

A princesa concordou e mandou a dama buscar a lâmpada maravilhosa. Mais que depressa, o mago deu para ela uma bolsa de moedas e saiu.

Mas, em vez de ir embora, ele deu a volta no palácio e se escondeu no jardim. Então, esfregou a lâmpada, e o gênio apareceu.

— Sim, meu... Tenho um novo amo?!

O mago fez cara de zangado e respondeu:

— Tem, sim. E não faça mais perguntas. Trate de mandar este palácio para a minha terra.

O gênio não gostou nada da ordem e muito menos do mago. Mas, como estava destinado a ser escravo de quem tivesse a lâmpada maravilhosa nas mãos, foi obrigado a obedecer.

— Pois não, amo... — resmungou baixinho.

No mesmo instante, abriu os braços e o palácio inteiro, com princesa e tudo, foi parar na África, do outro lado do mar.

Quando voltou da viagem e encontrou o jardim vazio, Aladim ficou muito triste. Então, chamou o gênio do anel e pediu a princesa e o palácio de volta.

— Não sou um gênio tão poderoso assim, mas posso levar o senhor até lá.

Dali a pouco, Aladim chegou ao palácio e mandou a princesa dar bastante vinho para o mago. Depois, esperou ele adormecer, pegou a lâmpada e chamou o gênio poderoso.

— Carregue esse homem para uma ilha deserta — ordenou. — E leve a gente de volta para a China.

O gênio ficou muito contente por se
livrar daquele mago rabugento
e por ter Aladim de novo como amo.
— Será um prazer — respondeu.
Com um gesto, mandou o mago para
a ilha mais deserta do mundo e fez
o palácio voltar para a China.

Anos depois, o pai da princesa
morreu e Aladim passou a ser
o soberano de toda a China.
E, como costuma acontecer
nas histórias, teve muitos
filhos e governou com sabedoria
até o final da vida.

O flautista mágico

Ilustração: Lima

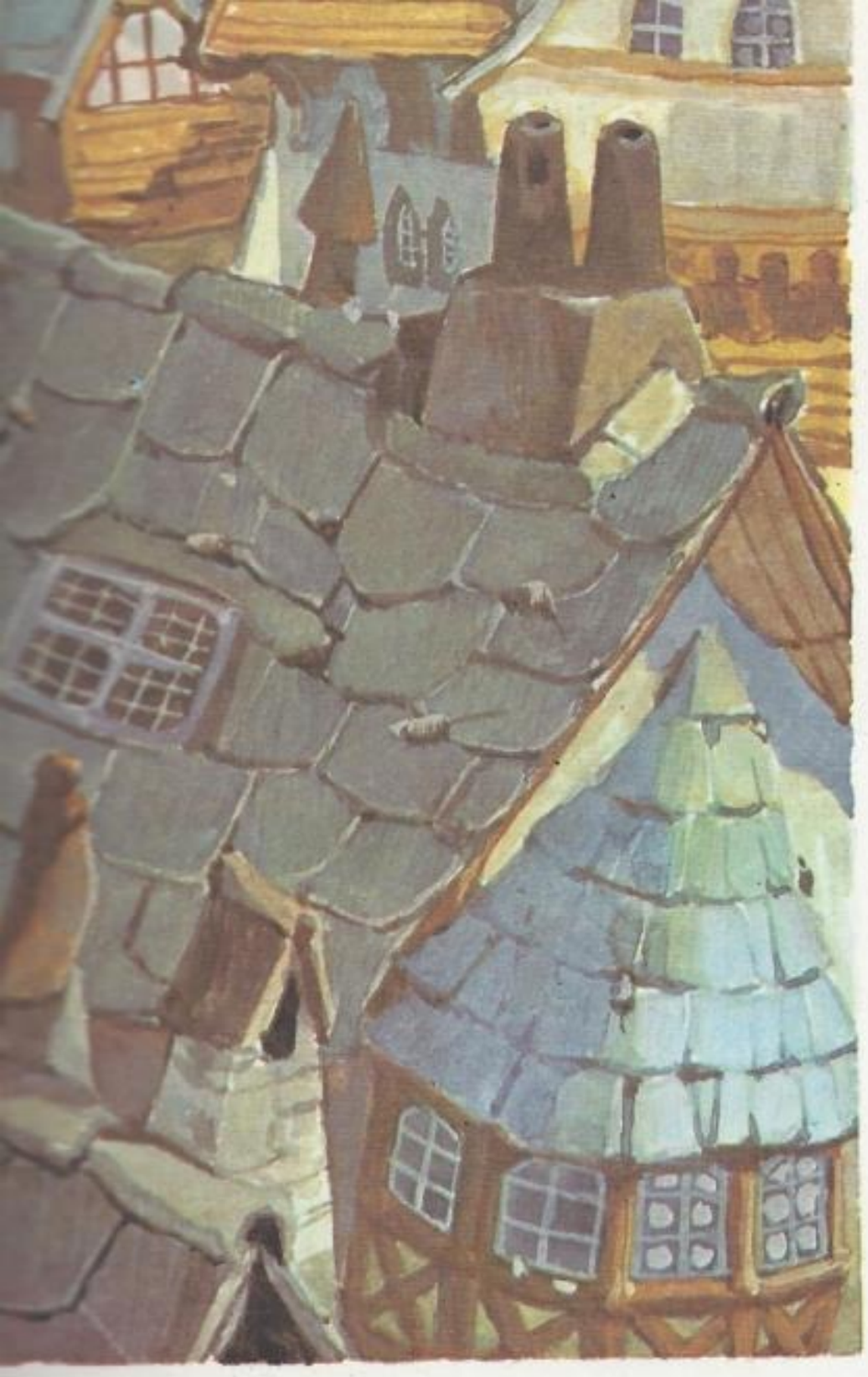
Na cidade de Hamelin, todo mundo era feliz.
Nunca faltava comida, sempre havia muita festa
e ninguém tinha motivo para se queixar da vida.
Mas um dia o povo todo ficou muito aflito,
pois de repente começaram a aparecer por lá
milhares de ratos. Eles comiam tudo o que achavam
pela frente. Mordiam as crianças pequenas, roíam
portas e janelas. Não deixavam ninguém em paz.

— O que é que a gente vai fazer para se livrar
dessa praga? — perguntavam-se as pessoas.

— O prefeito precisa tomar uma providência.
Vamos falar com ele — propôs um lenhador.

— Vamos! Vamos! — gritaram todos.

E correram para a Câmara Municipal. Os vereadores já
estavam reunidos, tentando encontrar uma solução.



— E se a gente organizasse um exército de gatos? — sugeriu um deles, de barba amarela.

— Mas os gatos desapareceram de Hamelin, com medo dos ratos... — suspirou um outro, de cabelo vermelho.

— A gente manda buscar mais gatos em outra cidade — propôs um terceiro vereador, de roupa preta.

— Nada disso — falou o líder deles. — Vamos é exigir do prefeito que ele resolva esse problema.

Os vereadores foram para a rua e juntaram-se ao povo.

— Queremos acabar com os ratos — gritava a multidão.

— Nós também — berraram os quatro vereadores.

— O que resolveram fazer? — quis saber um camponês.

— Resolvemos fazer o prefeito resolver — declarou o velho de barba amarela.

— Vamos lá falar com ele.

E foram todos juntos para a Prefeitura, gritando:

— Acabe com os ratos!

Quando ouviu
a gritaria,
o prefeito ficou tão
apavorado, mas
tão apavorado,
que trancou todas
as portas e se
encolheu na cadeira.
— Era só o que me
faltava — resmungou
ele. — Como é que
eu, sozinho, vou
acabar com tanto
rato? Eles é que
deviam matar esses
bichos de uma vez e
me deixar em paz!

O povo gritava cada vez mais alto. E o prefeito ficava cada vez com mais medo. De repente, alguém começou a bater na porta. O velhote estremeceu:

— Daqui a pouco eles entram aqui e fazem picadinho de mim... Ai, onde é que eu me escondo?

Nisso apareceu na sala, vindo sabe-se lá de onde, um rapazola magrinho, vestido numa roupa vermelha e amarela. Ele usava um chapéu esquisito, enfeitado com uma pena enorme. Na mão, carregava uma flauta preta e comprida.

— Com licença, senhor prefeito — disse o rapaz. — Eu posso levar os ratos embora...

— E como você vai fazer isso? — perguntou o prefeito, muito desconfiado.

— Com a minha flauta mágica — explicou o rapazola.

E contou uma história comprida. Disse que uma vez, na China, livrou uma cidade de uma peste de moscas que estava deixando aquele povo inteiramente doido.

— Só toquei a minha flauta e as moscas vieram atrás de mim como se eu fosse feito de mel — afirmou ele.

— E foram para onde? — quis saber o prefeito.

— Para o mar — disse o rapaz. — E se afogaram.

Depois contou que, na Índia, ele tinha matado uma legião de morcegos que assombrava a população.

— Com o poder da minha flauta, joguei todos num abismo bem fundo!

— Então, livre a gente desses ratos — pediu o prefeito, bem animado.

— Livro, sim — disse o moço. — Mas o senhor tem de me pagar mil moedas de ouro.

— Eu lhe dou até cinco mil, se conseguir — respondeu o prefeito.

— Jura?

— Palavra de honra!

Assim que acabou de fechar negócio com o flautista, o prefeito saiu na janela e gritou para o povo:

— Voltem para as suas casas! Eu já tenho a solução para o problema dos ratos. Prometo a vocês que, amanhã, não vão encontrar um só desses bichos na nossa cidade.

O pessoal não acreditou muito, mas resolveu ir embora e esperar para ver se o prefeito tinha dito a verdade.

Então, o rapazola saiu pelas ruas de Hamelin, tocando na flauta uma marchinha alegre. Quando escutaram a música, os ratos saíram das tocas e foram correndo atrás do moço, como se estivessem encantados. E as poucas pessoas que viram aquela coisa assombrosa nem souberam o que dizer.

O flautista levou os ratos para um rio bem longe
e foi andando pela água até que a bicharada
se afogou. E o povo de Hamelin se livrou da praga.
Só Marmaduque, um rato surdo, escapou do encanto.
Quando viu que os outros iam atrás do rapazola,
ele correu e tentou avisar que ali havia perigo.
Mas os ratos estavam mesmo enfeitiçados e nem ouviram.

O rato surdo chorou muito a morte dos colegas.
Depois, pegou um enorme livro vermelho, onde
estavam escritos os nomes de todos os falecidos,
e foi para Ratalândia. Então, contou:

— Milhares dos nossos irmãos morreram enganados.
Eu proponho que a gente construa um monumento
bem bonito em homenagem à memória desses heróis.

Enquanto os ratos choravam
pelos mortos e construíam
o tal monumento, o povo de
Hamelin festejava nas ruas
o fim da terrível praga.
Bandeiras e lanternas
coloridas balançavam nas
árvores e nos varais que
o pessoal tinha colocado.
E todo mundo dançava e cantava
como se fosse carnaval.

Então, o prefeito apareceu
na sacada da Prefeitura e
pediu um pouco de silêncio.

A multidão logo gritou:

— Viva, viva o prefeito!

— Obrigado — agradeceu ele e começou um discurso. — Quero que todos saibam que tive de fazer muita força para acabar com os ratos. Durante semanas, procurei pelo país um homem capaz de resolver o nosso problema. E achei aquele flautista que alguns de vocês viram. Ele já foi embora, com uma gorda recompensa que eu lhe dei do meu próprio bolso...

— Viva! — gritou o povo.

— Obrigado mais uma vez — disse o prefeito. — Agora eu vou descansar. Mas continuem festejando, pois hoje é feriado em Hamelin.

O mentiroso deixou a multidão se divertindo e voltou para dentro da Prefeitura.

Então, o flautista entrou na sala.

— Bom dia, excelência — disse ele, tirando o chapéu. — Eu vim receber minhas moedas.

— Que moedas? — perguntou o prefeito cinicamente.

— As moedas de ouro que combinamos como preço para eu acabar com os ratos — respondeu o rapazola.

— Você está doido — disse o outro. — Eu não prometi nada...

— O senhor não se lembra? Ainda ontem eu estive aqui, ofereci os meus préstimos, e nós acertamos um preço pelo serviço! — insistiu o flautista.

— Eu lembro que você esteve aqui e ofereceu os seus préstimos — disse o prefeito. — Mas também me lembro de não ter combinado preço nenhum com você...

Nessa hora, o rapazola perdeu a calma e gritou:

— Não se faça de esperto comigo, seu caloteiro! A gente combinou, sim, e o senhor tem de me pagar.

O prefeito se levantou, abriu os braços e disse:

— Pois não pago! E o que é que você vai fazer?

— Desta vez tocarei algo bem diferente...

O rapazola saiu da Prefeitura bufando de raiva e pensando em como podia fazer para se vingar daquele mentiroso.

— Já sei — resmungou, depois de refletir um pouco. — O sem-vergonha vai se arrepender!

Nem bem tomou essa decisão, pegou
a flauta e começou a tocar uma
marchinha bem animada.
Na mesma hora, a criançada
largou tudo o que estava fazendo e correu
atrás dele, encantada com a música.

— Venham — gritava o flautista de vez em quando. — Vou levar vocês para uma cidade encantada, onde tudo é alegria!

Todas as crianças saíram de casa
e foram atrás dele. E o rapazola ia
tocando a marchinha, cada vez mais
forte. Assim, levou a turma de crianças
para a montanha mais distante da cidade.

As mães e os pais, quando deram por
falta da criançada, ficaram apavorados
e correram atrás dos filhos.

— Aonde é que vocês vão, seus
desmiolados? — gritavam os pais.

— Voltem aqui — pediam as mães.

Mas a meninada, enfeitiçada com a música
do flautista, nem ouvia.

No pé da montanha, o músico parou.
Fez um gesto com os braços e disse:

— Caverna, caverninha, abra bem a sua portinha, para guardar cada criancinha.

Na mesma hora, a caverna se abriu e o flautista levou a garotada para dentro. Depois saiu, disse a fórmula mágica para fechar a caverna e foi embora voando.

Só ficou de fora um menino que estava com a perna quebrada e não conseguiu andar depressa. E com ele ficaram os pais e as mães das crianças desaparecidas.

Durante dias e noites, os pais e as
mães das crianças tentaram achar
um jeito de libertar os filhos.
Os homens procuraram cavar um
buraco na caverna, mas não
conseguiram nem fazer um furo.
As mulheres chamavam e choravam.

Quando soube da vingança do flautista, o prefeito ficou com um medo danado do que o povo podia fazer com ele.

— Por enquanto, todo mundo está chorando — dizia ele. — Mas logo, logo, vão pôr a culpa em mim!

No dia seguinte, antes mesmo de raiar o sol, ele fez a trouxa e meteu o pé na estrada. Quando o pessoal voltou da montanha, foi para a Prefeitura exigir satisfações. Mas não achou nem pista do caloteiro. Durante anos, aquela foi a cidade mais triste do mundo.

Tempos depois, o prefeito tentou voltar a Hamelin, para pegar um dinheiro que havia esquecido. Quando o povo o reconheceu, o velho levou a maior surra e foi parar na cadeia.

Ao saber disso, o flautista libertou todas as crianças, para alegria do menino que tinha ficado sozinho. Naquele dia, aconteceu a maior festa de Hamelin.

E os pais aprenderam uma lição: nunca mais escolheram mentirosos nem caloteiros para prefeito da cidade.